

29 MAI 1996 **Uma festa real**

Dois tempos de Fernando Henrique Cardoso em Paris:

Durante o dia circulava nas bancas da cidade o *Le Figaro*, no qual ele reconhecia que a taxa de desemprego no mercado de trabalho brasileiro haverá de crescer neste ano. Foi de 5% em 1995 e deverá ir a 6% até dezembro. Explicou: "Os números não são alarmantes. A nossa taxa de desemprego não chega perto da União Européia."

À noite foi jantar no Restaurante Lasserre. Não é um restaurante qualquer. Ocupa um pequeno prédio estilo diretório, em frente ao Gran Palais. Por fora se parece mais com bufê da Avenida Indianópolis. Por dentro, com a seção Luís XV do mostruário das lojas Henri Matarasso. Foi famoso nos anos 70, chegou a ter três estrelas no Michelin, mas hoje tem duas e sua frequência está mais para miliardários desorientados do que para degustadores. Um prato de comida do Lasserre custa em torno de dois salários mínimos brasileiros. Com vinho, não fica por menos de três.

Fernando Henrique jantou numa sala fechada. O correspondente Reali Jr. informa que os convidados eram 20 (com seis ministros em campo) e o senador paulista Pedro Piva cuidou de tudo, da lista de convidados ao menu e, por certo, da conta.

Antes de chegar ao Senado, pelo ameno caminho da suplência, Piva era membro do Conselho Administrativo da fábrica de papéis Klabin. Na campanha eleitoral de 1994 a Klabin doou R\$ 180 mil às arcas do candidato Fernando Henrique Cardoso. Da prestação de contas de candidatos eleitos em 16 Estados, a Klabin apoiou o PSDB do Rio Grande do Sul à Paraíba com cerca de R\$ 1 milhão. Amparou também políticos de todos os outros partidos com cheques mais modestos e, se ajudou dois deputados do PT, não pôs ceitel no boné de Lula.

Quando Fernando Henrique disse ao *Le Figaro* que a taxa de desemprego brasileira ainda está muito longe daquela que a Comunidade Européia vem sofrendo, deixou de mencionar que é muito melhor ser desempregado na Alemanha do que professor na rede pública brasileira. Como o que importa para

o desempregado não é o tamanho da taxa onde caiu, mas a quantidade de comida que tem na geladeira, a comparação estatística vale tanto quanto o vento de um pastel.

Jantando no Lasserre no mesmo dia em que deu a má notícia do desemprego, Fernando Henrique foi inoportuno. Dando-se ao rega-bofe num restaurante que atrai muito mais os bafejados pela ascensão recente do que os verdadeiros interessados num rango de qualidade, foi arcaico, como diria um bom tucano. A possibilidade de o presidente Bill Clinton — ou o glutão Helmut Kohl — botar o pé num restaurante desse tipo é a mesma deles aparecerem num comício com a braguilha aberta.

Não houve na funesta coincidência mais que uma questão de estilo. Infelizmente de mau estilo. Não é o caso de se pedir a

Fernando Henrique avisou que o desemprego cresce e foi jantar no Lasserre

Fernando Henrique que copie os modos do último monarca brasileiro, que viajava pela Europa carregando uma mala e hospedando-se em hotéis fronteiriços entre

a dignidade da Coroa e a amplitude da bolsa imperial. D. Pedro II viajava à própria custa, tomando dinheiro emprestado e seus hábitos faziam a delícia dos caricaturistas e da ironia de Eça de Queirós. É o caso, contudo, de se pensar que a Presidência alterou o estilo do professor Cardoso, impondo-lhe atitudes aparentemente imperiais que, comparadas aos antecedentes históricos, se assemelham mais às do folclore das monarquias.

É verdade que o restaurante onde o presidente vai jantar não chega a ser coisa tão importante assim. É apenas um pequeno detalhe simbólico. Somado ao fato dele não ter pago a conta (até porque não ficaria bem passá-la ao Tesouro, nem há força no mundo capaz de fazer Fernando Henrique Cardoso desembolsar pancada semelhante), os símbolos são dois. Deixando-a a um senador alavancado muito mais pelas listas de doações do que pelas das zonas eleitorais, os símbolos já são três. Juntando-se a isso o fato de o jantar ter reunido uma frequência exclusivamente nativa, capaz de ser congregada em qualquer noite de terça-feira no Piantella de Brasília, são quatro os símbolos. É símbolo demais para um presidente que se esqueceu de ir a Caruaru.

ESTADO DE SÃO PAULO